

SHANENAWÁ- O POVO DO PÁSSARO AZUL E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PROFUNDA NO AMBIENTE ESCOLAR INDÍGENA

MARIA DE FÁTIMA N. URRUTH¹
PATRÍCIA MENDES CALIXTO²

¹*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul Rio Grandense- IFSul- MPET - pietradolamita@gmail.com*

²*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul Rio Grandense- IFSul- MPET patricia.tutoria@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

No sudoeste da região norte da Amazônia, bioma e fonte de diversidade cultural vivem o povo do pássaro azul, único em todo planeta. Os Shanenawá- O povo do pássaro azul e a Educação Ambiental Profunda no Ambiente Escolar Indígena tema da pesquisa do Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia IFSUL na área em educação ambiental e educação escolar indígena que está sendo desenvolvida na comunidade indígena Morada Nova, na escola estadual indígena *Tekahayhe Shanenawá* no município de Feijó no Estado do Acre.

Abordo inicialmente os motivos da escolha do tema e as variáveis destes encontros e desencontros, a origem dos indígenas Pupykary-Apurinã e os Shanenawá, a contextualização dos dois cosmos (índio e não índio) com autores indígenas e não indígenas. Referenciais teóricos que direcionam os aspectos da escrita, olhares sob o universo indígena, ambiente, escola e natureza e paralelamente a etnografia dos Shanenawá e a forma que exercem cotidianamente a educação ambiental e potencializa dentro do universo indígena a relação com a natureza, ambiente, lugar, habitat e território.

A partir de um caminho entre as cidades e as aldeias, entre os rios e estradas vou adentrar novamente as florestas e sentir-me novamente próxima às terras verdes que são cortadas pelos rios barrentos, estarei voltando ao meu habitat.

Os povos indígenas estabelecem um vínculo estreito e profundo com a terra, de forma que o problema inerente a ela não se resolve apenas com o aproveitamento do solo agrário, mas também no sentido de territorialidade. Para eles, o território é o habitat onde viveram e vivem os antepassados. Terra e território para os índios não significam apenas o espaço físico e geográfico, mas sim toda a simbologia cosmológica que carrega como espaço primordial do mundo humano e do mundo dos deuses que povoam a natureza (BANIWA, 2006, p.102).

E vivendo dentro de uma cultura e organização social diferente da que venho e nasci. Percebi as inúmeras possibilidades de trazer/contribuir/remendar/desconstruir com algumas tímidas das culturas ameríndias para a educação e educação ambiental, assemelhando-me ao modo como estas percebem o mundo.

E partindo destas relações trago o estudo Corpo & Alma RIBEIRO (1999) para uma tímida contribuição, um vento norte, uma pretensão, a chamada Educação Ambiental Profunda, conceito que pretende encontrar seu corpus no universo ameríndio *Shanenawá*. As diferenças são importantes para demonstrar ao longo da proposta que as culturas podem contribuir e desconstruir entre elas, as costuras e emendas entre outros significados.

O que para uma cultura de determinada comunidade é algo importante, para outra não tem qualquer significação ou valor atribuído, pois são de mundos e cosmos diversos, com conceitos e relações diferenciadas uma das outras. Essas

atribuições permitem deslocamento de um sentido de pensamento para outro modo de interpretar o lugar e todas as suas relações que o compõem.

A educação indígena não pertence ou faz parte dos moldes da escola dos não índi@s¹ e ou escola tradicional, ela inicia-se antes do nascimento da criança e continua no decorrer de toda a sua vida, em vários processos de aprendizagens dentro da comunidade em que estão inserid@s @s indígenas e se dá através da transmissão dos conhecimentos necessários para vivê-la e compreendê-la naquele ambiente e espaço e território.

Assim, a educação indígena refere-se aos processos próprios de transmissão e produção de conhecimento dos povos indígenas, enquanto a educação escolar indígena diz respeito aos processos de transmissão e produção dos conhecimentos não-indígenas e indígenas por meio da escola, que é uma instituição própria dos povos colonizadores (BANIWA, 2012, p.145).

Essa diferenciação é importante para que não se confunda educação indígena com educação escolar indígena. O indígena tem outra relação com o ensino e a aprendizagem nos modelos das escolas existentes dentro do ambiente em que vive, e trás consigo significados diferenciados dentro da sua cultura originária e a sua relação com a natureza.

2.ETNOGRAFIA

Estava entre o cá e o lá. As florestas e as cidades, a lagoa e os rios amazônicos. E com estes pontos de entrada mergulhava em um processo de observação/percepção/intepretação da aldeia dos *Shanenawá*—Morada Nova- e as suas relações com o ambiente, paisagem, espaço, lugar e território em que vivem dentro do ambiente de uma escola indígena.

É preciso pensar em que espaço se move o etnólogo que está engajado numa pesquisa de campo e refletir sobre as ambivalências de um estado existencial onde não se está nem numa sociedade nem na outra, e no entanto, está-se enfiado até o pescoço em uma e outra (DA MATTA, 1981, pp. 153-154).

Havia entrado nas chamadas redes de significados dentro de uma descrição densa. Uma visão de signos e significados, adentar e compartilhar no contexto dessa densidade que, segundo GEERTZ (2008), nos possibilita alguns comentários:

O que o etnógrafo enfrenta de fato-não ser quando (como deve fazer naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados- é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicáveis, e que tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar (GEERTZ, 2008, p.7).

Infinitas possibilidades permitiram uma incerteza e compreensão, pois aquele que pesquisa algo muitas vezes encontrar algo além das palavras, gestos e movimentos, encontra significados de si mesmo. Essa incerteza não é um processo de adivinhação do passado, que, segundo Malinowski, somos vários em um corpo com inúmeras intepretações:

Na etnografia, onde o autor é, ao mesmo tempo, seu cronista e historiador, não há dúvida de que suas fontes sejam facilmente acessíveis, mas também extremamente complexas e enganosas, pois não estão incorporadas em documentos materiais, imutáveis, mas no comportamento e na memória de homens vivos. Na etnografia, a distancia entre o material bruto da informação- tal como se apresenta ao

¹ “Acatando a recomendação internacional da Rede de Gênero, utilizamos o “@” para evitar a linguagem sexista presente nos textos. Termo introduzido na Educação Ambiental por Michele Sato no “Seminário Mato-Grossense da Carta da Terra”, realizado no dia 30/10/00 com cerca de 500 participantes, discutiu a encaminhou algumas reflexões e propostas para adoção mundial da Carta da Terra (CT).”.

estudioso, quer em sua própria observação, quer nas declarações dos nativos, quer nos caleidoscópio da vida tribal- e a apresentação final dos resultados é frequentemente enorme (MALINOWSKI, 1986, p.27).

3.OS SHANENAWÁ

A aldeia Morada Nova fundada nos anos 60 onde o próprio nome permite entender o sentido da palavra, sendo a primeira terra indígena ocupada pelo cacique Tekahayne Shanenawá (Inácio Brandão) e os seus parentes após longos anos de sofrimento. Dos 16 (dezesseis) que chegaram hoje soma mais de 730, divididos em 07(sete) aldeias: Morada Nova, Cardoso, Nova Vida, 40, Paredão, Vitória, Shanenawá, Shanekay dentro das T.I.Katukina/Kaxinawa. Situada as margens do Rio Envira.Nas aldeias as atividades produtivas são: plantio de arroz, banana (variados tipos), milho, macaxeira, açaí, criação de aves (galinhas e patos) e fabricação de artesanatos que são comercializados na região de Feijó nos festivais de praia e no festival do açaí e na região do Alto Juruá. Eles vivem em clãs, as famílias são monogâmicas, compostas pelos avós, pais, filh@s, net@s e noras ou genros. Todas as pessoas (crianças) tem voz dentro das assembleias ou reuniões realizadas.A responsabilidade e os cuidados das crianças Shanenawá são de todos os membros da comunidade, desde a alimentação a educação. Os cuidados das crianças na comunidade é coletivo. Existe a figura d@ cacique(líder politico) e d@ pajé(líder espiritual) @s ultim@ encarregad@s da medicina da floresta e espíritos para tratar das doenças do corpo e alma que possam existir na aldeia e também preparo dos rituais e festas ligadas a religião na aldeia.

As estruturas contemporâneas de uma escola específica com diferenciações e com a interculturalidade dos povos indígenas tornou-se realidade na Constituição Federal de 1988 e a regulamentação da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional-LDBEN- ou Lei Darcy Ribeiro em 1996,no artigo no 32, estabelecendo que seu ensino será ministrado em Língua Portuguesa, mas assegura às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. Assegurando um modelo de escola diferenciada, tendo como cerne o respeito às tradições culturais ancestrais e adequação do modo de se ensinar (currículos) com as práticas pedagógicas com a realidade local de cada ambiente escolar indígena. Com isso, possibilita que as crianças *Shanenawá* possam produzir e conhecer nas florestas o seu modo de vida. A escola não é apenas a sala de aula. Ela existe em todo o território que eles caminham com seus educadores. As paredes são árvores verdes e o teto um céu azul iluminado de uma floresta, onde existe o universo das possibilidades, que como seus ancestrais que eles/elas reúnem a tecnologia do que trouxeram a sabedoria do que existe naquele lugar, como por exemplo conhecer uma folha e a partir ensinar o nome desta em ambas as línguas, como se escreve, para que serve aquela folha na medicina indígena, e assim vão seguindo com inúmeras atividades, cantorias, desenhos.

4.A ESCOLA INDIGENA E A RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PROFUNDA

As possibilidades de trocas/relação entre conhecimentos indígenas e a EAP² entre as culturas dentro do espaço escolar indígena que possibilitem potencialização de trocas das cosmologias e abordagem desta relação. Sendo que o estudo da EAP em comunidades indígenas trás em si as significâncias e um olhar sobre o lugar, espaço, território, habitat e educação em um ambiente diferenciado da escola ocidental não índia.

² Usarei a sigla EAP para designar: Educação Ambiental Profunda.

Entretanto para abordarmos a EAP é necessário buscar antes o cerne desta possibilidade em RIBEIRO (1999) quando nos fala sobre essa relação do ser humano com a sua percepção do ambiente que o cerca e seguinte com a natureza:

Parti, então, do pressuposto de que o bem estar de um indivíduo (corpo&alma) é imprescindível para o bom relacionamento com o meio ambiente à sua volta (sociedade, natureza). Sabemos que nos relacionamos com o mundo através do nosso corpo: da nossa pele, dos nossos sentidos. Essa noção conduziu-me a reflexões sobre o modo e a intensidade com que percebemos o mundo. Poderíamos dizer que temos os tais “olhos de ver, ouvidos de ouvir ou todos os sentidos de sentir” preparados para as sensações que chegam através de tantos estímulos até nosso corpo físico? De quem depende a sensibilidade, do corpo ou da alma? Nossas almas&corpos estão preparados/sensibilizados suficientemente para perceber o mundo que nos cerca e extrairmos dele as delícias do viver e a harmonia com tudo aquilo que cerca nosso ser (corpo... sociedade... natureza...)? (RIBEIRO, 1999, p.12).

RIBEIRO (1999) trás a relação do Corpo&Alma como a percepção da subjetividade do corpo e o sensível do ser humano com a natureza em uma harmonia profunda e a partir deste estudo com a EA³ que pretendo trazer a EAP, ou seja, o retorno ou encontro deste ser, à volta a natureza, mas não a natureza santuário, mas a natureza humana, aquela nos permite existir e construir ou desconstruir um cosmo dentro do caos unificado, capaz de compartilharmos a solidariedade? E como a EA é um exercício de cidadania a EAP poderá ser um exercício de cidadania e consciência de solidariedade com o planeta. Por que sabemos quais os problemas ambientais e as causas destes males no lugar e espaço, ambiente e território que vivemos. E não se pode mais pensar que existe superioridade de vida sobre vidas, e sim, que vivemos em um universo solidário e para isso, podemos construir e desconstruir, e tentar ressignificar a mesma coisas, uma EAP para dá os passos seguintes nas relações conflituosas entre os seres humanos e os não humanos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando. Uma introdução à Antropologia Social**. Petrópolis: Vozes, 1981 e 1987.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação. In: DURHUAM, Eunice Ribeiro. **Malinowski**. São Paulo: Atica. 1986.

MUNDURUKU, Daniel. **“Posso ser quem você é sem deixar de ser o que sou”**: A gênese do movimento indígena brasileiro. In: LUCIANO, Gersem José dos Santos, HOFFMANN, Maria Barroso, OLIVEIRA, Jô Cardoso de. **Olhares Indígenas Contemporâneos II**. Brasília: Centro Indígena de Estudos e Pesquisas-CINEP, 2012.

RIBEIRO, Ivana de Campos. Dissertação Mestrado. **Á Ecologia de Corpo&Alma e Transdisciplinaridade em Educação Ambiental**. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Rio Claro, SP.[s.n]1999.

³ Usarei a sigla EA para Educação Ambiental.